

ACESSO A CULTURA E MANIFESTAÇÃO ARTÍSTICA INDÍGENA EM REGIÃO METROPOLITANA DE SALVADOR.

Lucas Nascimento Carvalho ¹
Alessandra Machado ²
Antônio Joelson ³
Juliana Tibúrcio ⁴
Suria Seixa Neiva Pasini ⁵

INTRODUÇÃO

Este projeto de Pesquisa em Design trata sobre a falta de visibilidade às expressões artísticas das tribos indígenas na região metropolitana de Salvador. De acordo com o Portal Brasil, com informações do IBGE e da Funai, o último censo, no Brasil existem 896,9 mil indígenas espalhados por todo território nacional, divididos entre 305 etnias e 274 idiomas. Os indígenas foram os primeiros moradores do que hoje é o Brasil e, quando os europeus chegaram nessas terras, a estimativa, segundo a FUNAI (Fundação Nacional do Índio), era que viviam cerca de 3 milhões em todo território nacional. Durante toda a sua história o país viveu um intenso processo de miscigenação, principalmente entre europeus, africanos e indígenas. As nações indígenas foram forçadamente aculturadas, com a imposição dos costumes, da língua e da religião dos europeus. Mas vários traços de sua cultura permaneceram e foram incorporados também aos costumes dos colonizadores, porém as manifestações culturais indígenas ainda continuam submetidas à invisibilidade. A partir destes questionamentos, o projeto veio sendo desenvolvido com foco nos grupos remanescentes de indígenas da região metropolitana de Salvador, tentando entender como essas manifestações acontecem e propondo meios que façam com que essas manifestações culturais e artísticas venham a ter mais visibilidade e reconhecimento. Ao realizar pesquisas e levantamento das informações, observamos como a cultura e manifestações indígenas da região metropolitana de Salvador está oculta. Desde a colonização do Brasil, os indígenas são classificados como uma das minorias sociais. Atualmente, estes grupos além de serem banalizados pela maioria da sociedade urbana, sofrem com falta de investimento social em suas manifestações artísticas. Essa falta de investimento viabiliza a segregação desses grupos no mercado cultural, que é voltado para: produção musical, artes plásticas, culinária, patrimônio histórico, trajes, danças típicas, etc; tornando quase rara a presença da arte indígena em exposições, feiras, espaços acadêmicos, entre outros; resumindo as suas produções manufaturadas, que em grande parte, são enxergadas somente como objetos utilitários. A partir dessa problemática deu-se a importância de elaborar um projeto de pesquisa, aprofundando o entendimento sobre o mesmo e tentando propor meios que venha a possibilitar a visibilidade no mercado artístico/cultural e na sociedade como um todo. Assim nosso objetivo é propor meios de visibilidade a essas manifestações culturais e expressões artísticas indígenas desses grupos na região metropolitana de Salvador, que contribuem na formação cultural do Brasil.

¹ Graduando do Curso de **Design** da Universidade Salvador - UNIFACS, lucascarvalhodesenho@gmail.com;

² Graduado pelo Curso de **Design** da Universidade Salvador - UNIFACS, ale_al11@hotmail.com;

³ Graduando do Curso de **Design** da Universidade Salvador - UNIFACS, kennobittencourt@gmail.com;

⁴ Graduando pelo Curso de **Design** da Universidade Salvador - UNIFACS, julianatibs@yahoo.com.br;

⁵ Professor orientador: Mestre, Universidade Salvador - UNIFACS, suria.seixas@gmail.com.

METODOLOGIA (OU MATERIAIS E MÉTODOS)

O desenho de pesquisa estabelece-se através do problema de dar visibilidade às expressões artísticas indígenas em região metropolitana de Salvador. A metodologia aplicada foi a científica através da pesquisa social, e o tipo de pesquisa de campo foi o PAP (Pesquisa Ação – Participante), em uma abordagem qualitativa. Utilizamos as seguintes técnicas de coletas de dados: a Pesquisa Desktop e a Entrevista realizada com um indígena da reserva Thá – Fene. A entrevista foi realizada segundo Marconi e Lakatos (2011, p. 82) e Minayo (2007, p.65); sob uma abordagem qualitativa, com dois tipos: semiestruturada ou não-estruturada contendo perguntas abertas, em roteiro indicativo, sendo feitas através de uma conversação informal, sem ordem específica. E Entrevista Clínica – perguntas específicas (para estudar motivações, sentimentos, condutas). Todas essas etapas constituem o projeto desde a identificação do problema até as soluções propostas fazem parte da primeira fase do Método Duplo Diamante pertencente a metodologia Design Thinking.

DESENVOLVIMENTO

A gravidade da marginalização das matrizes indígenas no Brasil só será percebida quando também o protagonismo desses grupos na formação do país for reconhecido de forma real e não apenas metaforicamente. Esse processo ocorreu desde o início da colonização, sem estereótipos. Dizer somente quais os alimentos e palavras herdadas não é o suficiente para entender e nos proporcionar o sentimento de identidade e pertencimento com as etnias indígenas. A marginalização dessas matrizes indígenas é um processo longo, deixando sequelas estimáveis, que devem ser minimizadas ou sanadas. É preciso que cada indivíduo brasileiro entenda a herança da matriz indígena do nosso povo, o porquê dessa marginalização e os efeitos gerados principalmente na falta de investimento e reconhecimento de suas produções artísticas. Muitas lutas aconteceram para que houvesse mais valorização de sua cultura. Como por exemplo através da criação de leis, como: a Lei no 11.645, que exige o ensino da história e cultura indígena no Ensino Básico (Fundamental e Médio), principalmente nas disciplinas de História e Artes, e a Lei no 11.897, que houve a criação do Conselho Estadual dos Direitos dos Povos Indígenas do Estado da Bahia – COPIBA, que tem como finalidade formular diretrizes para a Política Estadual de Proteção aos Povos Indígenas.

Além das escolas, adultos e adolescentes se fantasiam de “índio” para ocasiões de descontração, como por exemplo o carnaval, mostrando mais uma vez a banalização da imagem indígena, e este assunto acabou virando polêmica. De acordo com a empresa Rede GLOBO, houve uma campanha politicamente correta que diz respeito à utilização de vestimentas étnicas ou religiosas em época de Carnaval e demais festas. A campanha teve a participação da artista indígena Katú Mirim, que argumentou: “Indígenas existem, resistem e têm cultura. Fantasia de índio é racismo porque discrimina nossa raça, fortalece o estereótipo do índio folclore e a hipersexualização da mulher indígena”. (Matéria realizada no dia 09 de Fevereiro de 2018, pelo site da Globo RIO). De acordo com Dirceu Lindoso e Alves Apud, do livro A Utopia Armada (pg 26): “O “esquecimento” funciona no contexto do discurso como uma elaborada técnica de desmemória que alcança toda a consciência social de uma região”. E segundo Alver (2008): “Vivemos em uma sociedade em que o indivíduo “se faz de esquecido”, que prefere acreditar em outros contos, viver outras culturas e esquecer a sua própria. Assim, hoje vive a cultura indígena sucumbida e esquecida por uma sociedade que se faz de “cego”. O Censo Demográfico de 1991 revelou que; em 34,5% dos municípios brasileiros residia pelo menos um indígena

autodeclarado; no Censo Demográfico 2000, esse número cresceu para 63,5%; e, segundo os dados mais recentes, do Censo Demográfico 2010, atingiu 80,5% dos municípios brasileiros. (IBGE 2012). Em Salvador e região metropolitana a presença indígena está registrada desde a colonização. Além dos Tupinambás, há registro de outros povos (Tupi, Tupina, Tupinaê), que contribuíram para a formação étnico-cultural da região.

Mediante essas estimativas relevantes sobre todo o processo histórico e social dos indígenas e na sua representatividade artística no mercado cultural local, indagamos quesitos que subsidiam observações concernentes ao assunto como; não se ter acesso à cultura e manifestação artística indígena devido ao deslocamento geopolítico dos aglomerados urbanos; falta de fiscalização das secretarias de educação concernente as escolas estarem exercendo a aplicabilidade da Lei no 11.645, em que exige, o ensinamento da história e cultura indígena. Tais quesitos mostram a não preocupação em retratar a história indígena desde a pré-colonização, resultando na banalização da mesma e contribuindo com sua invisibilidade no mercado cultural, a partir da discussão entre os pesquisadores das hipóteses levantadas e da problemática contextualizada, elaboramos uma matriz que consiste em certezas, suposições e dúvidas (CSD) que nos permitiu criar uma referência visual contribuindo no processo investigativo do nosso projeto.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Devido a dificuldade de contato com integrantes da reserva Thá-Fene (por meio de redes sociais, por ligações e mensagens (SMS), houve a realização de apenas uma entrevista com Kawi, indígena da tribo Kariri – Xocó na reserva Thá - Fene, no sábado (27, de outubro de 2018, às 10:00 am) localizada em Lauro de Freitas - BA. Diante disto, será realizada apenas uma análise de entrevista. Após leitura da coleta de dados e construção do relato coletivo com base na Pesquisa Desk e Hipóteses, chegamos a um pressuposto que – a invisibilidade das manifestações culturais e artísticas indígenas agravam a acessibilidade de seus produtos ao mercado cultural metropolitano. Com a seleção de fragmentos da entrevista feita com Kawi podemos descrever que - a falta de reconhecimento público da Reserva Thá-Fene, contribui na escassez sociocultural de suas próprias manifestações artísticas. Dando prosseguimento a essa análise selecionamos o núcleo de sentido: 1º Reconhecimento público gera visibilidade e valorização social; 2º Reconhecimento público promove acessibilidade ao mercado cultural). Sendo assim podemos considerar a premissa de que - *a marginalização e desvalorização cultural e artístico das matrizes indígenas se dá pelo esquecimento funcional que afeta conscientemente toda a sociedade*. Baseado na premissa e no núcleo de sentido, podemos sintetizar, o tema - **Reconhecimento público gera visibilidade, valorização social e acessibilidade ao mercado cultural**. A visibilidade, valorização e acessibilidade estão nas mãos do reconhecimento público, tanto nos indivíduos, quanto nos órgãos públicos. Ou seja, se o indivíduo deseja ser “visto” ou deseja promover algum objeto, para que haja uma valorização social e para ter acessibilidade ao mercado cultural tem que ser visto de forma positiva pela sociedade e obter ótimos comentários. Por isso, quanto mais reconhecimento, maior será beneficiada a reserva Thá-Fene. Utilizamos duas ferramentas para gerar o ponto de vista do nosso projeto; o Ponto de Vista é o encadeamento de todas as informações adquiridas em um projeto através de ferramentas que objetivam uma solução para o problema estudado. A primeira ferramenta se chama Fórmula, que estrutura o pensamento através da identificação do usuário, da sua necessidade e do insight em que a justificativa já é o ponto de vista. A segunda ferramenta se chama Matriz 2x2, em que organiza visualmente os fatores que diferenciam ou

influenciam esses insights que estão dispostos em eixos opostos e as suas relações definem o ponto de vista.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Mediante todo o projeto estruturado a partir de Pesquisa Desktop e Memorial de Campo, o Ponto de Vista através das ferramentas utilizadas gerou a ideação do projeto principalmente com o auxílio da ferramenta Matriz 2x2, que visualmente destacou as três ideias na qual posteriormente escolhemos uma delas como solução do nosso projeto tendo como foco principal o nosso objetivo. As 3 ideias foram: 1º realizar um projeto por intermediação do poder público para a implantação da internet via WiFi na reserva Thá-Fene; 2º criar um perfil da reserva no Instagram facilitando a visibilidade e 3º fazer parte do segmento da economia solidária do Cesol (Centro Público de Economia Solidária) para que haja divulgação e venda dos seus trabalhos. Diante destas três ideias, a solução escolhida pela equipe de pesquisadores foi a segunda ideia que consiste, Rede Social – Instagram (criação do perfil da reserva + sessão de fotografias + catálogo impresso), levando em conta três parâmetros (desejo, viabilidade e praticabilidade) e a acessibilidade dessa solução para o próprio usuário.

Palavras-chave: Acessibilidade; Cultura, Manifestações Artísticas, Indígenas.

REFERÊNCIAS

ALVES, José de Arimatéa Nogueira. **Índios em Salvador (Identidade, memória e alteridade)**. Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura Salvador, Bahia 28 a 30 de maio de 2008. Disponível em: <<http://www.cult.ufba.br/enecult2008/14446.pdf>>. Acesso em 20/09/2018.

JUNQUEIRA, Flávia; MARINATTO, Luã. **Fantasia de índio vira polêmica após campanha politicamente correta: Debates nas redes sociais contra o uso de vestimentas étnicas ou religiosas esquentam**. O GLOBO. Rio de Janeiro, Brasil. 09 de fevereiro de 2018. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/rio/fantasia-de-indio-vira-polemica-apos-campanha-politicamente-correta-22382564>>. Acesso em 19/09/2019.

HERCOG, Bruna. **Índios Kariri-Xocó lutam pela valorização de sua cultura**. A Tarde, 26 de agosto de 2017. Disponível em: <<http://atarde.uol.com.br/bahia/salvador/noticias/1291286-indios-kariri-xoco-lutam-pela-valorizacao-de-sua-cultura>>. Acesso em 15/09/2018.

Para debater no Dia do Índio: 'Uso de cocar no carnaval é troca, não discriminação', diz líder indígena. BBC Brasil, 12 de fevereiro de 2018. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/brasil-43031742>>. Acesso em: 17/09/2018.

Polêmica do Carnaval: Uso de cocar e adereços indígenas como fantasia divide indígenas. BBC Brasil, 14 de fevereiro de 2018. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/brasil-43063413>>. Acesso em: 17/09/2018.

NASCIMENTO, Larissa de Jesus. **Considerações sobre “Reserva Indígena Thá-Fene: uma ação indígena educacional na Grande Salvador”**. Salvador, Bahia, 23 de abril de 2013. Síntese monográfica. Disponível em http://www.evento.ufal.br/anaisreaabanne/gts_download/Larissa%20de%20Jesus%20Nascimento%20-%201020612%20-%203950%20-%20corrigido.pdf. Acesso em 16/09/2018.

Os indígenas no Censo Demográfico 2010. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Rios de Janeiro, 2012. Disponível em: https://ww2.ibge.gov.br/indigenas/indigena_censo2010.pdf. Acesso em 20/09/2018.

VIERIRA, Sidiney Ribeiro. BA - **Série Cinquentenário: Reserva indígena Thá-Fene e comunidade Quilombola Quingoma**. Observatório Quilombola. 14 de setembro de 2012. Disponível em: <http://www.koinonia.org.br/oq/noticias-detalhes.asp?cod=11830>. Acesso em 16/09/2018.

TUPINAMBÁ, Potyra Tê. **Conselho Estadual dos Direitos dos Povos Indígenas do Estado da Bahia**. Índios Online. 27 de abril de 2010. Disponível em <https://www.indiosonline.net/conselho-estadual-dos-direito-dos-povos-indigenas-do-estado-da-bahia/>. Acesso em 16/09/2018.

VIANEY, João; ALVES, Pedro Daniel Felipe. **Os indígenas como direito das minorias. Jus**. Julho de 2017. Disponível em: <https://jus.com.br/artigos/59022/os-indigenas-como-direito-das-minorias>. Acesso em 20/09/2018.

Aprovado’ foi gravado na Reserva Thá-Fene; veja o making of. Gshow. 20 de abril de 2017. Disponível em: <https://gshow.globo.com/Rede-Bahia/Aprovado/Extras-Aprovado/noticia/aprovado-foi-gravado-na-reserva-tha-fene-veja-o-making-of.ghtml>. Acesso em 22/10/2018.

Hercog, Bruna. **Índios Kariri-Xocó lutam pela valorização de sua cultura**. A Tarde. 28 de agosto de 2017. Disponível em: <http://atarde.uol.com.br/bahia/salvador/noticias/1291286-indios-kariri-xoco-lutam-pela-valorizacao-de-sua-cultura>. Acesso em 22/10/2018.

Na reserva indígena Thá-fene, tecnologia e responsabilidade cultural estão juntas. Jornal da Chapada. 31 de agosto de 2015. Disponível em: <https://jornaldachapada.com.br/2015/08/31/na-reserva-indigena-tha-fene-tecnologia-e-responsabilidade-cultural-estao-juntas/>. Acesso em 22/10/2018.

Nossa metodologia. Instituto Educacional Social de Portão. Disponível em <http://www.iesocialdeportao.com.br/conteudo/projeto-pedagogico>. Acesso em 22/10/2018.

Dez Técnicas de Coletas de Dados. Disponível em: <https://10tecnicas.wixsite.com/coletadedados>. Acesso em 22/10/2018.

AGROSSINO, Michael. **Etnografia e observação participante**. Porto Alegre: Artmed, 2009.

IDEO.ORG. **Guia de campo para o Design Centrado no Ser Humano**. California: Ideo.org/Design Kit, 2015.

MINAYO, Ma Cecília de Souza (org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2016.

MANZINI, Eduardo José. **Entrevista Semiestruturada: análise de objetivos e de roteiros**. In: **A pesquisa qualitativa em debate...anais/ II Seminário Internacional de Pesquisa e Estudos Qualitativos**. - São Paulo: Sociedade de Estudos e Pesquisa Qualitativa; Bauru: Universidade do Sagrado Coração, 2004.

MARCONI, Marina de Andrade e Eva Lakatos. **Técnicas de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 1996.

KOZINETS, Robert V. **Netnografia: realizando pesquisa etnográfica online**. Porto Alegre:Penso,2014.